

“Trabalhadas no feminino”: um estudo sobre corpo, desejo e prostituição travesti em Fortaleza-CE

“Worked in Women”: a study about body, desire and transvestite prostitution in Fortaleza, Brazil

Francisco Jander de Sousa Nogueira *

Instituto Universitário de Lisboa – ISCTE/UFPA. CNPq/CAPES, Brasil.

jander_sociosaude@hotmail.com

Adriano Gomes de León **

Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Brasil.

leontut@uol.com.br

Resumen

Este trabalho toma como foco de análise travestis que se prostituem na cidade de Fortaleza-Ce. São apresentadas narrativas sobre suas transformações corporais, experiência que engloba um conjunto de processos e vivências. Contrastando com concepções de identidades que privilegiam a coerência e a linearidade, apresento trajetórias e relatos autobiográficos contextualizados por descontinuidades. Travestis efetuam transformações em suas formas físicas, seja com o aval da medicina legal ou na clandestinidade. Entendemos que a utilização destes corpos como objeto de desejo expostos nas “ruas” vai além das discussões que permeiam a travestilidade como uma realidade estigmatizada. No trabalho de campo, mobilizei ferramentas metodológicas que permitiram a apreensão de singularidades e de expressividades concernentes à complexa experiência de tentarem “passar por mulher” vinte e quatro horas por dia.

Palabras clave: travestilidade; transformações corporais; gênero; ritual; performance

Abstract

This work takes as its focus of analysis transvestite prostitutes in Fortaleza, Brazil. Are presented narratives about their body transformations, an experience that includes a set of processes and experiences. In contrast to conceptions of identity which emphasize coherence and linearity, I present autobiographical trajectories and reports contextualized by discontinuities. Transvestites make transformations in their physical shapes, whether with the endorsement of the medicine or clandestine manner. I understand that the use of these bodies as objects of desire displayed in the "streets" goes beyond the discussions that permeate Travestiler as a stigmatized reality. In the field work, I mobilized methodological tools that allowed the apprehension of singularities and expressiveness concerning the complex experience of trying to "Live as a woman" twenty-four hours a day.

Keywords: travestiler; body transformations; gender; ritual; performance

* Bacharel em Ciências Sociais (2006); Especialista em Educação Comunitária em Saúde (2008) pela Escola de Saúde Pública do Ceará; Mestre em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB (2009), Doutorando em Sociologia pela mesma Universidade (2009-2013). Estágio de Doutorado no Exterior - ISCTE/LISBOA (2011-2012). Pesquisa de Doutorado na área de Envelhecimento, Gênero e Saúde Coletiva. Experiência em Docência, Preceptoria de Território e Apoio Institucional em Saúde. Membro do Centro Brasileiro de Estudos de Saúde - Cebes/Ceará. Investigador Associado do CRIA (Centro em Rede de Investigação em Antropologia) ISCTE - LISBOA. Bolsista Cnpq/CAPES.

** Possui graduação em Engenharia Agrônoma pela Universidade Federal da Paraíba (1989), mestrado em Sociologia Rural pela Universidade Federal da Paraíba (1993) e doutorado em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (2000). Atualmente é professor associado da Universidade Federal da Paraíba.

“Trabalhadas no feminino”: um estudo sobre corpo, desejo e prostituição travesti em Fortaleza-CE

Introdução

Eu tenho uma espécie de dever, dever de sonhar, de sonhar sempre, pois sendo mais do que um espetáculo de mim mesmo, eu tenho que ter o melhor espetáculo que posso. E, assim, me construo a ouro e sedas, em salas supostas, invento palco, cenário para viver o meu sonho entre luzes brandas e músicas invisíveis (Fernando Pessoa).

Esta comunicação é fruto da minha dissertação de Mestrado intitulada “*A saga da beleza: um estudo das transformações corporais na ‘experiência travesti’*”, defendida no Programa de Pós Graduação de Sociologia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB. Durante a pesquisa de campo foram registradas em meu diário de campo muitas histórias de luta e determinação entrelaçadas por dores, risadas e mutilações. Todas elas com muitas assimetrias, mas com muitas singularidades: as transformações corporais, a construção de uma nova identidade de gênero¹ (Bento, 2006) e a busca incessante por corpos canônicos e desejáveis.

Shopping Center, bares, botecos, centro comercial da cidade, boates, ruas escuras e avenidas por onde as travestis² costumeiramente se prostitu-

em..., São esses os ambientes que compõem parte da coleta de dados da minha pesquisa. Ter em mãos o diário de campo e um gravador era indispensável, a qualquer momento algo novo e interessante poderia se configurar em minha frente, mesmo compreendendo que nem sempre esses instrumentos (diário de campo e gravador) são apropriados.

Paralelo à realização da observação flutuante (Goldman, 1995)³, comecei a articulação de um grupo focal a partir de contatos estabelecidos na Associação das Travestis do Ceará – ATRAC; de vários telefones capturados esporadicamente na noite gay, principalmente na mais antiga boate gay em funcionamento,⁴ como também das minhas idas noturnas às ruas do centro da cidade e a uma grande avenida de Fortaleza, territórios onde a prostituição travesti “domina”.

não podemos negar. Existe também todo um arranjo de cunho político sobre a discussão da travestilidade, e o mais importante é uma reivindicação forte e presente nas falas das travestis entrevistadas.

³ Conforme Márcio Goldman (1995), “a observação direta e contínua se transforma em ‘observação flutuante’, semelhante à ‘escuta flutuante’ do psicanalista: o observador está sempre em situação de pesquisa, sua atenção podendo ser exigida a qualquer instante”. A opção por esse tipo de observação me deixa à vontade pelo fato da não-necessidade de “morar” com os indivíduos que irei investigar. Ademais, sou pesquisador e morador da cidade. Esses fatores não são únicos, acrescenta-se ainda que sou freqüentador de alguns espaços LGBTT (gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais), boates, bares etc. Enfim, quero aqui chamar a atenção para o fato de o pesquisador participar de determinadas práticas dos seus colaboradores por habitar a mesma cidade e também construir nela seus referenciais.

⁴ A rotatividade de espaços LGBTT em Fortaleza é enorme, são raros os espaços que conseguem se consolidar durante muitos anos no mesmo local ou com o mesmo proprietário e nome fantasia. A boate *Divine* localiza-se no centro da cidade, e é a única que há mais de dez anos vem conseguindo se manter, reunindo um grande público trans, principalmente de travestis e transformistas.

¹ Na sociologia, identidade de gênero se refere ao gênero com o qual a pessoa se identifica (se a mesma se identifica como sendo um homem, uma mulher ou se a mesma vê a si como fora do convencional), mas pode também ser usado para referir-se ao gênero que certa pessoa atribui ao indivíduo tendo como base o que tal pessoa reconhece como indicações de papel social de gênero (roupas, corte de cabelo, etc.). Do primeiro uso, acredita-se que a identidade de gênero se constitui como fixa e, como tal, não sofre variações, independente do papel social de gênero que a pessoa se apresenta. Do segundo, acredita-se que a identidade de gênero possa ser afetada por uma variedade de estruturas sociais, incluindo etnicidade, trabalho, religião ou irreligião, e família. Vale destacar que identidade de gênero não apresenta uma relação direta com a sexualidade. Para mais informações acerca de identidades de gênero, ver Bento, Berenice (2006).

² Assim como Larissa Pelúcio (2007) e Marcos Benedetti (2005), decidi assumir o emprego do substantivo *travesti* classificado dentro do gênero gramatical feminino. Existe um processo em construção do gênero feminino no corpo e na subjetividade que

O grupo focal foi realizado no centro da cidade, em um espaço cedido pela Secretaria Municipal de Saúde de Fortaleza, isso facilitaria o acesso a todas as colaboradoras. Convidei um número bem maior de travestis (cerca de 15 a 18 possíveis participantes), já prevendo o não comparecimento de algumas ao grupo focal. Conteí com a presença de 9 travestis, porém os resultados se apresentaram de forma muito tímida diante das minhas expectativas. Decidi, naquele momento, utilizar outra estratégia metodológica. Não descartando o material coletado neste grupo focal realizado, optei desde então por trabalhar também com entrevistas semi-estruturadas.

As entrevistas foram realizadas muitas vezes em locais escolhidos pelas próprias colaboradoras, dependia muito da disponibilidade e do tempo das mesmas. Foram realizadas entrevistas em suas próprias residências, *shoppings center*, salões de beleza, barzinhos e até mesmo na rua durante ou depois de suas “batalhas”⁵ noturnas. É partindo de todas as histórias compartilhadas, do material do grupo focal, de 10 entrevistas realizadas com as informantes-chave, das fotos, das minhas anotações em diário de campo e da observação flutuante que a finalização deste trabalho foi possível.

Assim, pude perceber que ter seios siliconados, quadris moldados, bumbuns bronzeados, coxas malhadas, rostos refeitos e maquiados, cabelos longos, tingidos e esvoaçantes são apenas alguns dos elementos que complementam, na noção bourdiana (1996), a ação performativa das travestis que cotidianamente desarticulam, de cima de seus saltos elevadíssimos, uma cristalização imposta pela sociedade ocidental da perspectiva binária masculino-feminino.

E mesmo diante de tantas incertezas, possibilidades e riscos as travestis são fígadas por um desejo intempestivo resistente a qualquer tipo de racionalização, até mesmo porque é através do corpo que são experimentadas as sensações de prazer e de dor. Tais práticas – mas precisamente a aplicação de silicone industrial e ingestão de hormônios – tornam-se determinantes para que as travestis sintam-se mais femininas e adquiram mais “reconhecimento” entre as demais travestis e clientes. Muitas vezes é necessária a presença incontestável da “dor beleza”, que justificou e vem justificando até os dias atuais à prática clandestina através de bom-

badeiras⁶ (Kulick, 2008; Pelúcio, 2007; Duque, 2005; Peres, 2005; Benedetti, 2005; Jayme, 2001).

A busca incessante por corpos canônicos

Camila de Castro⁷ está “fechando”⁸ para mais uma noite. São muitos anos de sua vida dedicando tempo e dinheiro à construção de um novo corpo e de um novo gênero. A qualquer preço, busca “passar por mulher”, não por qualquer mulher, mas por uma mulher bela, sensual e desejada vinte e quatro horas por dia, principalmente nas ruas, esquinas e avenidas onde se prostitui e impera com seus saltos elevadíssimos.

Diana Fontenelle, 28 anos, apesar de ser de família pobre com origem interiorana, hoje se olha no espelho e fala para si mesma com entusiasmo: “*bicha, a senhora abalou!*” Com uma trajetória de vida marcada por desafios, discriminações, conquistas e uma rota internacional registrada em seu currículo prostitutivo, cotidianamente ela investe em sua beleza e na sua produção, o que a faz ser uma travesti solicitadíssima e com um dos cachês mais elevados nas ruas do centro de Fortaleza.

Roberta Fontana, loira e angelical, rosto perfeito e desejado por muitas travestis, aos 26 anos sempre está presente nos eventos do movimento LGBTT local. Fala-nos de que seus sonhos e suas metas agora são outras após as amputações de dois membros inferiores e um membro superior, pois quando pensou que tudo estava perdido, uma força surgiu em seu interior e lhe deu coragem para prosseguir e trilhar novos caminhos. Foi como uma metamorfose em sua vida. Tudo para ela vem sendo ressignificado, assim destaca: “meus valores agora são outros, a vida e a morte, a saúde e a doença pra mim agora possuem outro referencial”.

⁶ Técnica rústica de aplicação de silicone industrial para a modelagem dos seus corpos. Ver Benedetti (2005) e Pelúcio (2007). Ver também o documentário “Bombadeira – A dor da Beleza”, do diretor Luis Carlos de Alencar. Vale ainda ressaltar, que de acordo com as condições econômicas das travestis estes procedimentos podem ser realizados em clínicas de estéticas e com cirurgias plásticas, ou seja, dentro dos padrões instituídos pela medicina estética.

⁷ Antes de prosseguir, quero deixar claro que parte dos nomes citados nesse trabalho são fictícios, com o intuito de preservar a imagem das travestis/colaboradoras e dos demais colaboradores diretos e indiretos. Embora algumas travestis façam até questão de divulgar seus nomes e sobrenomes femininos.

⁸ Algumas das palavras grafadas entre aspas indicam que elas são assim utilizadas pelo grupo pesquisado. Em outras palavras, elas estarão grafadas conforme o dialeto do próprio grupo, o *bajubá* ou *pajubá* (dialeto das travestis com origem no Iorubá-Nagô).

⁵ Forma êmica utilizada para denominar a atividade da prostituição entre as travestis.

Observa-se então, que o padrão de beleza de algumas travestis, por vezes, coloca-se como o objeto da percepção unânime que negligência, porém, qualquer definição. Essa tentativa, por vezes satisfatória, seja clandestinamente ou com o aval da medicina, de possuir seios siliconados, quadris moldados, bumbuns apresentáveis, coxas torneadas e rostos refeitos se faz presente na vida das mesmas desde muito cedo.

Mas afinal, o que é ser uma travesti? Para Don Kulick (2008), “as travestis em momento algum se consideram homens, muito menos mulheres. Elas afirmam que são viados”. Portanto, o autor observa “que o núcleo central de sua subjetividade é o fato de sentirem atração física e sexual por homens. Elas alteram o corpo irrevogavelmente para que este se assemelhe ao do sexo oposto, sem, contudo, reivindicar a subjetividade própria ao sexo oposto”.

Uma das colaboradoras de Larissa Pelúcio (2005), Melina, diz que “travesti tem que ter alguma coisa de mulher, senão não é travesti; tem que pôr silicone, seio”. Moema, uma das colaboradoras de Hélio Silva (1993), define essa condição dando ênfase à ingestão de hormônio feminino para que a travesti seja o que ela é.

Essa realidade aparece também nos discursos de algumas colaboradoras da minha pesquisa, inclusive na fala de Pâmela Leme. Residente em Fortaleza desde 1992, 24 anos, “ruiva e bela”, é assim que ela se define e em seguida nos fala sobre o que é ser travesti:

(...) se uma bicha não tomar hormônio, nunca será uma travesti. Antes me sentia um cabra-macho, hoje tudo é diferente, me sinto uma mulher (risos). Essa vontade de ter um corpo feminino, bumbum grande e bonito, um peitão, ser uma mulher diferente 24 horas por dia tem que existir, temos que ser decididas a mudar o nosso corpo, senão for assim, não vale.

Assim, é possível observarmos a travestilidade⁹ como um processo em estado de constante (trans)formação e com muitos deslocamentos, sempre composto por novos significados e novas práticas. Viver a condição travesti é por vezes viver a/na liminaridade (Turner, 1974).¹⁰

⁹ O conceito de travestilidade alarga aspectos de categorização identitária do termo “travesti”, que pode ser bastante simplificador quando busca contemplar a gama de possibilidades de se viver esta condição. A travestilidade aponta para a multiplicidade dessa experiência, ligada à construção e desconstrução dos corpos (Pelúcio, 2007).

¹⁰ Para Turner a liminaridade pode ser compreendida como um período marcado por uma retirada do sujeito da estrutura soci-

Benedetti (2005), em seu livro *Toda Feita - O corpo e o gênero das travestis*, faz uma diferenciação entre as travestis, transexuais e transformistas, “definindo-as” da seguinte maneira:

São aquelas que promovem modificações nas formas do seu corpo visando a deixá-lo o mais parecido possível com o das mulheres; vestem-se e vivem cotidianamente como pessoas pertencentes ao gênero feminino sem, no entanto, desejar explicitamente recorrer à cirurgia de transgenitalização para retirar o pênis e construir uma vagina. Em contraste, a principal característica que define as transexuais nesse meio é a reivindicação da cirurgia de mudança de sexo como condição *sine qua non* da sua transformação, sem a qual permaneceriam em sofrimento e desajuste subjetivo e social

É importante lembrar que nem todas as travestis são adeptas às transformações corporais, à ingestão de hormônios e à aplicação de próteses, dentre outros dispositivos na busca de feminilidade. Encontrei muitas travestis, durante a pesquisa de campo, que possuem uma “resistência” às intervenções corporais, porém se definem como travestis. Vale ainda destacar, a partir das discussões atuais na academia e na militância, que a transgenitalização também não é um fator determinante ou a única explicação para as transexuais, embora exista um número significativo de reivindicações, mas muitas preferem não se submeter a tal procedimento cirúrgico e muitas vezes este recurso – a cirurgia de mudança de sexo – está para além da sua realidade geográfica, financeira e emocional das transexuais, o mais sensato seria compreender este processo a partir da despatologização das identidades, como destaca a socióloga Berenice Bento (2006): segundo a autora é preciso desnaturalizar as identidades. Ver sobre o assunto o trabalho *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual* (Bento, 2006).

A meu ver, tantas fusões de conceitos, nomenclaturas, exemplos, fotografias, vídeos, entre outros recursos, tornam-se insuficientes na tentativa de descrever e situar o que vem a ser uma travesti. O “ser” travesti ou “estar” na condição travesti, vaza qualquer sistema de classificação a partir do binarismo masculino-feminino, levando-nos a uma gama de significados difusos, transeuntes e com parâmetros frouxos.

al. O indivíduo não estaria nem na estrutura anterior, nem na seguinte em que foi ou será “promovido”.

Corpos “TRANS” e corpos dissonantes

As travestis quase sempre desestabilizam normas e condutas em nossa sociedade, cruzam constantemente as fronteiras das normas regulatórias de gêneros (Bento, 2006; Butler, 2003) e expõem um universo de diversidades sexuais. Ao mesmo passo em que as travestis vão inscrevendo outra identidade em cima dos seus corpos, subvertendo as normas (Pelúcio, 2007), elas se submetem aos padrões de beleza impostos por nossa sociedade.

Colocam em jogo muitas emoções, tempo e dinheiro na construção dos seus “novos corpos”, sendo capazes, como qualquer outra pessoa, de desenvolverem estratégias de sobrevivência que são relativizadas conforme as condições financeiras e do contexto em que estão inseridas. Nesta lógica, posso destacar que existe um desejo de campo comum entre muitas, inclusive na fala das travestis que participaram da pesquisa direta e indiretamente, sendo este desejo a busca por uma perfeição: é preciso “abafar”¹¹ diariamente. Assim, os significados atribuídos aos seus corpos não os fazem apenas meros suportes de significados. Os corpos em questão são, sobretudo, como afirma Benedetti (2005), uma linguagem. Uma nova linguagem que transpõe todos os significados do feminino, atribuindo-os qualidades sociais. É no corpo e através dele que as travestis se produzem e se (re)conhecem enquanto sujeitos. O corpo canônico passa a ser nessa experiência, ao mesmo tempo desejo e objeto.

O corpo canônico é considerado, nesta análise, como equivalente a uma circunscrevida corporeidade físico-anatômica predominante na cena sócio-cultural contemporânea e acomoda-se a um modelo de construção da identidade e da imagem. Se constitui como uma categoria analítica que tem suas origens no corpo medicalizado, higienizado e elevado à categoria de agente de sua própria saúde, corpo este que vem sendo construído paulatinamente desde o início do século XX como afirma Fontes (2004).

A idéia de corpo canônico está sustentada por um projeto de beleza, de prolongamento da juventude e de espetacularização das suas formas, exploradas midiaticamente como elementos identitários, sobretudo no cenário brasileiro, onde todo o tempo referencia-se e reverencia-se a sensualidade

dos traços corporais da mulher e do homem, associando-os à sexualidade dos trópicos (Fontes, 2004).

Seguindo esta lógica, Pelúcio (2005) descreve que ser travesti é:

(...) um processo, nunca se encerra. Construir um corpo e cuidá-lo é uma das maiores preocupações das travestis. Elas estão sempre buscando a “perfeição”, o que significa “passar por mulher”, uma mulher bonita e desejável, geralmente “branca” e burguesa. Em busca dessa imagem afinam seus traços, bronzeiam seus corpos, adornam-se com roupas de remetem a mulheres glamourosas, escolhem nomes de atrizes e musas hollywoodianas ou cantoras pops, submetendo-se às normas estabelecidas.

Como podemos observar, travestis trilham trajetórias que as levam ao “encaixe” dos referenciais pautados pelas normas de beleza vigente, em um corpo que exala sensualidade e saúde. Hoje, o cenário é marcado pelo hedonismo em torno de uma imagem cosmetizada e fetichizada, impregnada de conotações eróticas, sedutoras, sexuais, sensoriais e sensuais, embora muitas travestis tropecem em obstáculos financeiros, contextuais e até genéticos (biótipo físico fortemente máculo) no decorrer deste processo.

Apesar de todo o “*glamour*”, de toda a “fechação”¹² e da “exuberância” em torno da travestilidade, o viver essa experiência também se aloja nas esferas mais baixas da hierarquia social. É uma experiência que muitas vezes está pautada em conflitos, ojeriza e preconceitos, é sob esta condição que viver a travestilidade muitas vezes chega a sua “totalidade”, se é que ela existe.

Ninguém melhor pra falar sobre isso que Roberta, uma travesti que hoje luta para superar duplamente o preconceito: o de ser travesti e o de tornar-se um corpo dissonante¹³ em plena caminhada rumo à “perfeição sonhada”. Como consequência da aplicação clandestina de silicone industrial por uma bombadeira em São Paulo/SP, hoje vive numa cadeira de rodas. Assim destaca Roberta:

¹² Fechação pode ser compreendida como é o ato de dar muita pinta, fazer trejeitos efeminados, propositadamente ou não; mostrar afetação.

¹³ O corpo dissonante é entendido com o corpo inválido, quando comparado e confrontado com a lógica da boa forma e do vigor físicos. O corpo dissonante, ou seja, aquele que não adere aos artifícios de reformulação e adequação da aparência tende a despertar reações de estranhamento e até mesmo de repulsa.” (Fontes, 2006). Os corpos que não se inserem na massa, são chamados de dissonantes, caracterizados pela obesidade, velhice, ou deficiência física e mental.

¹¹ O termo abafar pode ser usado de duas formas por travestis e gays: como sinônimo de arrasar (ex.: cheguei linda e abafando) ou para encerrar um assunto indesejado (ex.: abafa o caso).

Meu maior desejo era me tornar uma travesti diva. Com seios, bumbum gostoso, coxas grossas [...] eu fiz de tudo que esteve ao meu alcance, fui pra São Paulo me prostituir, me produzi, e criei coragem de aplicar silicone industrial, só faltava isso. Eu ia fazer algumas coisas em mim (coxas, seios, quadris), mas nada deu certo e agora estou assim, numa cadeira de rodas. Mas de uma coisa tenho certeza, vivi dias de glória. Estar na frente de um espelho, desfilar pelas esquinas e calçadas na noite era muito prazeroso, ali sim me sentia uma diva. [...] hoje não sei do que as pessoas têm mais preconceito, se é por ser uma travesti ou por ser deficiente. No fundo, ainda acho que o fato ser travesti ainda é pior, pois estando na cadeira de rodas as pessoas me vêem como coitadinha, e isso também não me faz bem.

Nota-se, nesta experiência especificamente, que o corpo sofre constantemente intervenções oriundas do desejo, um desejo que leva as travestis a se construírem, sistematizando essas construções a partir de referências heteronormativas, sujeitas a padrões estéticos e a princípios morais afinados com o que o senso comum considera normal, belo e desejável (Pelúcio, 2007). Nessa ótica, as travestis não são aberrações incompreensíveis e sem identidade, mas seres tão construídos quanto quaisquer outros que cotidianamente marcam em seus corpos um gênero, um pertencimento de classe, uma identidade étnica. Afirma Le Breton (2003), “as alterações no corpo também são alterações morais”. Desse modo, podemos ratificar que o prazer e a satisfação pessoal tornam-se centralidades no processo de subjetivação. E as categorias identidades de gênero, sexualidade, subjetividade e corpo podem ser vividas entrelaçadas ou não.

A frequência dos depoimentos denuncia que o desejo de transformar o corpo faz parte da vida de muitas travestis ainda na infância e se potencializa na adolescência, pois existe um desejo muito forte voltado a viver a travestilidade em sua ‘totalidade’, mas nem sempre isso é possível, como observamos a partir da experiência e trajetória de Roberta.

Como mencionado anteriormente, muitas vezes o capital econômico é um fator determinante no tocante às transformações corporais das travestis, mas não é limitador na trilha para se obter sucesso em cima dos “*corpos a serem rascunhados*” (Le Breton, 2003) pelas mesmas. Diversas estratégias são construídas, reinventadas e adaptadas na tentativa de superação de sonhos e da satisfação pessoal. Neste caminhar, onde o caminho é construído paulatinamente com ousadia, subversão e às vezes “sem limitações”, o silicone líquido aparece co-

mo uma das estratégias centrais. Funciona como uma ferramenta quase indispensável de poder e *status* na construção de uma travesti, pois a não possibilidade de moldar seus corpos com próteses de silicone e incisões cirúrgicas leva muitas a se submeterem a processos clandestinos de bombagem.

“Na rua eu me realizo”: prostituição, sociabilidade e reconhecimento

Existe uma relação muito próxima entre viver a travestilidade e a prostituição. Não que a prostituição seja o único caminho destinado as travestis, mas é na rua que grande número delas sentem-se desejadas e afirmam-se enquanto sujeitos responsáveis pelas suas ações.

De acordo com diversas literaturas existentes sobre travestilidade e prostituição, já é sabido que as travestis fazem parte de grupos de risco, que são violentadas, que são presas fáceis de assassinatos decorrentes da grande exposição na rua. Também é sabido que a prostituição é uma das poucas saídas diante da exclusão no mercado de trabalho e do preconceito que tem início ainda na escola. Mas não é esse o propósito deste trabalho, até porque concordamos que esta pluralidade de olhares não escamoteia a possibilidade de novos olhares, o que nos propomos apresentar é que na prostituição e através dela, através do “bate-cabelo”, em cada rebolada estratégica para seduzir, “no abalou viado”, no “se joga no batidão”, na negociação dos preços e serviços, nas poses eróticas na esquina, na nudez que choca, nas caras e bocas, na utilização do corpo para dar e sentir prazer etc., que as travestis “se realizam” e sentem-se as mais desejadas e femininas, conseguindo muitas vezes na rua, segundo elas, os seus melhores trunfos: clientes, boyzinhos e maridos/namorados (Kulick, 2008).

E o mais interessante é que não são desejadas simplesmente por tentarem imitar o feminino ou “fazerem paródias da feminilidade” (Vale, 2005), mas são admiradas e cortejadas por serem travestis e transitarem entre o masculino e o feminino de forma tão singular em nossa sociedade. Assim destaca Susane (travesti, 31 anos): “travesti, pra mim, tem alma de mulher e a coragem de um homem”. É isso que incomoda, atrai e desperta desejos em quem as vê. “Por mais plural que possa ser a construção da travestilidade, o corpo é o lócus privilegiado dessa vivência, que tem na rua e na prostituição seu primeiro espaço de referências e possibilidades” (Pelúcio, 2007).

Em uma das falas de Camila durante uma entrevista, foi possível destacar isso. Vejamos trechos desta conversa em:

[pesquisador] Foi uma decisão sua entrar na prostituição?

[Camila] As coisas vão acontecendo. Desde muito cedo tive contato com as outras travestis, parece uma escola, mas é assim mesmo, se aprende estando no meio. Comecei indo por putaria para a rua e, quando percebi, já estava montada fazendo também a linha.

[pesquisador] Qual a sensação de estar na rua?

[Camila] Não vou dizer que toda travesti só tem a rua como saída e que é a melhor coisa do mundo, mas 80% das travestis acabam entrando nesta vida e de certa forma tem lá suas vantagens (risos). É perigoso, mas é aqui nestas esquinas, no escuro, no perigo, que a gente reina. Aqui, acho que sou eu de verdade. Deixa só eu te dar um exemplo. A rua é tão envolvente, tem seus mistérios. Tenho uma grande amiga (se refere a uma travesti) que é formada, trabalha e às vezes vem fazer rua, só pela questão do prazer.

[pesquisador] O que te dar mais prazer aqui?

[Camila] De poder ser mulher do nosso jeito e de ser desejada.

Conseguir um corpo de silhuetas harmônicas, curvas sedutoras e desejadas, acaba sendo uma idéia tentadora a muitas travestis. Sem contar que ainda alimenta a relação firmada socialmente, na qual um corpo belo é nada mais que um corpo saudável, digno de admiração e aceitação em todas as esferas (cultural, social, política e econômica). A idéia é que seus corpos se distanciem ao máximo de figuras “monstruosas” e abjetas, de seres que não ocupam uma posição dentro da zona de inteligibilidade social.

Para Miguel Vale de Almeida (2004):

(...) quando se fala de corpo em antropologia é incontornável o legado de Marcel Mauss, para quem toda a expressão corporal era aprendida, uma afirmação entendível no quadro da sua preocupação em demonstrar a interdependência entre os domínios físico, psicossocial e social. Tanto Mauss como Van Gennep mostraram que as técnicas do corpo correspondem a mapeamentos socioculturais do tempo e do espaço. Assim, o corpo humano nunca pode ser encontrado num qualquer suposto “estado natural”.

Na obra de Foucault (1999), o corpo também aparece como o lócus privilegiado da manifestação do poder, passível de receber uma disciplina por meio de regras sociais. Esse poder, segundo o autor, é um biopoder. Possui a capacidade de controlar toda a sociedade por estar dentro de uma lógica de normatização.

As travestis, portanto, lutam para não permanecerem à margem das identificações possíveis a partir das normas que regulam e ditam o que é normal e o que não o é, quais identificações são possíveis e quais não as são. Ou seja, os corpos das travestis são abjetos, numa noção butleriana, visto que são corpos que não possuem vida, não possuem existência, não há a possibilidade de existirem, mas existem. Assim destaca Butler (2002): “(...) o abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas “inóspitas” e “inabaláveis” da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do *status* de sujeito, mas cujo habitar sob o signo do ‘inabitável’ é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito”.

As travestis, ao se encontrarem enquanto seres abjetos por não parecerem apropriadamente “generificadas” têm a sua própria humanidade questionada (Butler, 2002). São, portanto, excluídas e estigmatizadas cotidianamente e socialmente por não se enquadrarem nos predicados e, conseqüentemente, nas categorias que a sociedade reconhece como “normais” e “limpas”. Por pertencerem a categorias tidas como diferentes e incomuns, a sociedade procura afastar-se delas e ainda tratá-las como perigosas e más. Quase sempre deixam de ser vistas em sua totalidade enquanto pessoas com potencialidades, com capacidade de ação (Goffman, 1993).

O espaço da prostituição é um dos principais lugares sociais de construção e aprendizado do feminino entre as travestis. Isso já torna o espaço convidativo e “acolhedor” para o grupo, esses espaços servem muitas vezes de “escolas” e “laboratórios” na construção desta identidade travesti e na construção do gênero, embora essa experiência também se desenvolva em outros espaços não necessariamente prostitutos, como boates, praças públicas, domicílios entre outros. Durante as minhas visitas a campo, sempre encontrei com travestis “iniciantes” em processos já significativos de transformação corporal e inserção prostitutiva. Estavam ali costumeiramente no intuito de aprender os caminhos transversalizados pela prostituição (negociação com clientes, estratégias de sobrevivência contra a violência, etc.).

Aos poucos vão aprendendo os métodos e as técnicas de transformação do corpo (como o uso de hormônios e informações sobre silicone industrial), os segredos da “montagem”, técnicas de maquiagem, formas e “truques” para seduzir clientes, a linguagem do bajubá entre outros elementos que compõem o universo da travestilidade.

Para Larissa Pelúcio (2007):

A rua/pista/avenida/esquina são termos adotados pelas travestis para falarem dos territórios de prostituição. Como categoria espacial e simbólica – ligada à noite, à boemia, aos prazeres e ao mercado do sexo –, a rua seduz. A avenida pode ser muitas vezes o único lugar onde a travesti se sinta bonita e desejada. [...] É na esquina que as travestis têm pela primeira vez a sensação de pertencer a algum lugar. Um lugar que começa no corpo de uma travesti. A rua pode se apresentar como um ambiente de acolhimento quando meninos efeminados são violentados e colocados para fora dos espaços domésticos. Mas também não é simples ficar na rua. Há toda uma demarcação de territórios dentro do mercado do sexo. Essa divisão se relaciona com o capital corporal de quem divide os espaços e marca identidades que são classificadas por categorias êmicas.

Para o antropólogo norte-americano Don Kulick (2008), “a prostituição travesti é, além de uma fonte de renda, uma experiência prazerosa e recompensadora. É um trabalho visto como qualquer outro e é nesse campo que elas são reconhecidas socialmente”. O autor elabora de forma sólida que o prazer é uma possibilidade real no “relacionamento” entre as travestis e os clientes.

Assim observamos que a rua constitui-se em um ambiente de destaque no interior desta experiência que as levam às possibilidades de flertar, transar e até desenvolverem sentimentos de prazer e desejo. A experiência travesti pode ser vista como um mosaico de referências masculinas e femininas, como também um espaço de querelas e subversões.

Rituais, Sagas e Beleza

Na experiência travesti a transitoriedade não se limita apenas aos movimentos assimétricos entre o masculino e feminino. Aspectos como beleza, mácula, *performance*, poder, reconhecimento, espaços domésticos e urbanos, entre outros aspectos, estão sendo sempre postos em xeque. Seja qual for o cenário em que o “ritual da beleza” venha a se consolidar, é essencial uma série de técnicas e aparatos que giram em torno da feminilidade, como a incorporação de valores estéticos, volumes, formas, uma “adequação” de posturas, trejeitos, fala, olhar etc., que transcendem qualquer norma regulatória (Butler, 1999).¹⁴ Todos os movimentos são apre-

didados e postos em prática de forma ensaiada e calculada, é assim que se fortalece e se legitima o “novo status” corporal e de gênero das travestis. Vale destacar que o gênero aqui é compreendido como performativo não porque seja algo que o sujeito deliberadamente e ludicamente assume, mas porque, através da reiteração, consolida o sujeito. Nessa ótica, a performatividade é a precondição para o sujeito, tornando “cada ritual em um processo pautado em um tempo, cujas unidades são objetos simbólicos e aspectos serializados da conduta simbólica” (Turner, 1974).

Se viver a travestilidade é realmente um processo, como destaca Larissa Pelúcio (2005), esse processo inclui desde injeções de silicone industrial, *botox*, *piercing*, cirurgias plásticas, emplastos, maquiagem, lâminas, hormônios femininos, enxertos, apliques, pastas, cintas e diversos outros adornos que fazem parte de todo o ritual de passagem da transição de um corpo masculino para o feminino, embora algumas vezes seja uma prática passageira. Isso fortalece a construção de signos corporais e transcende as normas vigentes. Nestes corpos, vão sendo também inscritas “coisas de mulher”, a partir de uma cuidadosa observação do feminino: bocas, olhares, movimentos das mãos, jogos de cabelo, caminhadas sobre saltos e técnicas de sedução. O ritual da beleza só passa a ter sentido se todos esses movimentos, por vezes difusos ou não, estiverem entrelaçados e em sintonia.

A experiência da travestilidade vem composta de vários rituais. Seja o ritual mais incisivo dos corpos e do gênero, seja o ritual compreendido aqui como *performance* em busca da beleza diária. As travestis começam a canalizar suas energias, tempo e dinheiro na manutenção dos seus corpos e nas produções diárias, produções estas que constituem o ritual da beleza aqui dividido em três fases.

A primeira fase requer tempo e investimento de dinheiro. São investimentos em torno do cuidado com o corpo, eliminação de pêlos, cuidado e manutenção com os cabelos, unhas, sobrancelhas, o fazer a chuça,¹⁵ técnicas corporais como a “truncagem”, “esconder o babado” ou “acuendar a neça”.¹⁶

através de práticas discursivas, de normas regulatórias que nunca são finalizadas, pois permanecem num processo constante de reafirmação. Tal processo é indispensável para garantir a hegemonia das leis regulatórias sob pena de fragilizar e abrir espaços para a contestação dessas leis.

¹⁵ Limpeza interna do ânus.

¹⁶ Truncagem, esconder o babado ou acuendar a neça são técnicas realizadas pelas travestis no intuito de invisibilizar o

Embora as travestis escondam cotidianamente suas necas (pênis) com o intuito de encaixar seus corpos dentro de roupas femininas (calças coladas, pequenas calcinhas, saias justas, biquínis) e por questões estéticas, na rua é preciso deixar a neca de uma forma mais “livre” (sem emplastos e sem calcinhas hiper-apertadas) que torne fácil seu manuseio, pois, segundo muitas travestis entrevistadas, uma das primeiras coisas que os clientes buscam são informações e a visualização de seus pênis. Geralmente as travestis assumem na relação sexual o papel de ativo. “Se a bicha não for também ativa na rua, ela não vai se dar bem, pois aparecem muitas mariconas”¹⁷, assim destaca Susane.

Esta fase vem bastante associada à concepção de pureza e impureza. Há uma necessidade implícita na travestilidade, principalmente entre as travestis que buscam incessantemente a beleza, de eliminar este estigma. Por muitas vezes, isso acaba sendo um fator central dentro da própria experiência que categoriza e hierarquiza as próprias travestis em uma escala de “cangalhas” a “divas”¹⁸.

Aqui, não podemos nos furtar de elencar que ainda existe no imaginário da sociedade uma idéia que associa a travestilidade com questões próprias de impureza, perigo e até contaminação, talvez o que justifique entre as travestis o excesso de “humor irreverente e a postura desafiadora” (Kulick, 2008) diante de muitas pessoas e situações de humilhação, injúrias, violência entre outras.

Vejam os trechos do conto - *A dama da noite* - presente na obra *Os dragões não conhecem o paraíso* de Caio Fernando de Abreu (1989), onde a personagem que se autodenomina “Dama da Noite”, apresenta-se estando “por fora do movimento da vida” utilizando a metáfora para sinalizar seu caráter de sujeito marginal, que está fora dos limites comuns impostos pela sociedade, sujeito este, visto como esquisito, estranho e que também pode contaminar. A seguir observaremos essa personificação

volume do pênis sob a roupa, técnica realizada a partir de emplastos, calcinhas ou shorts apertados.

¹⁷ Homem homossexual com mais de 50 anos.

¹⁸ Bicha Cangalha é uma expressão típica do nordeste associada aquilo que não presta, feio, sem jeito, desarrumado. Diva é uma expressão associada às travestis de *glamour*, ao luxo. Um exemplo pode ser uma travesti européia, que no imaginário das travestis guarda um lugar de destaque e de sucesso em sua trajetória. Também pode ser uma metáfora às cantoras divas internacionais: Celine Dion, Whitney Huston, Beyoncé, Madonna entre outras.

da doença e da contaminação que envolve sujeitos de posturas “desviantes”:

Eu sou a dama da noite que vai te contaminar com seu perfume venenoso e mortal. Eu sou a flor carnívora e noturna que vai te entontecer e te arrastar para o fundo do seu jardim pestilento. Eu sou a dama maldita que, sem nenhuma piedade, vai te poluir com todos os líquidos, contaminar teu sangue com todos os vírus. Cuidado comigo: eu sou a dama que mata, boy (1989).

Em *Pureza e Perigo*, de Mary Douglas (1976), obra na qual surge à idéia das poluições do sexo e se aproximam as questões morais e o corpo socialmente vivido, nos traz questões que suscitam aproximações entre sagrado/profano, puro/impuro e entre outros sistemas binários que estão intrinsecamente relacionados ao universo da travestilidade. “O que serve para poluição de sexo serve também para a poluição corporal” (Douglas, 1976).

Segundo Douglas, essas crenças pautadas nas interpretações de dada sociedade sobre purificação, impureza ou perigo possuem a função de impor uma estrutura normativa, um sistema moral de valores que o individuo deve seguir para não ser contagiado pelas impurezas próprias da subversão. Esse imaginário que cerca os significantes de pureza e impureza acaba por sistematizar uma ordem social maior, e é justamente por essa característica que, para a autora, “nenhuma pressão social seja tão explosiva quanto aquelas que reprimem as relações sexuais” (Douglas, 1976).

A segunda fase corresponde às transformações corporais (vale reforçar que nem todas as travestis optam pelas transformações corporais e ingestão de hormônios), pois a conquista de corpos canônicos e harmônicos atravessa toda a experiência da travestilidade para algumas delas. Esta fase requer determinação e coragem, pois silicone industrial, próteses, hormônios, plásticas, entre outras intervenções corpóreas, estão sempre em jogo (alguns processos são irreversíveis).

A terceira fase do ritual, não necessariamente nesta ordem, seria o vestir-se e maquiar-se sempre para “abalar”. São roupas de estilo, sensuais e provocadoras, acompanhadas de muitos acessórios, bolsas, colares, leques, pulseiras, saltos, batons, sombras, delineadores de olhos, cremes hidratantes, sais e perfumes.

No ritual da beleza, é preciso toda uma *performance*, uma *performance* que envolve o falar,

o olhar, o andar e o gesticular. Nada adiantaria se uma grande produção não estivesse acompanhada de estilo próprio das travestis, de uma feminilidade que por vezes ultrapassa o “natural”, de volúpia, do “bate-cabelo” ensaiado por horas na frente do espelho, dos movimentos labiais que expressam prazer e sensualidade, do andar que balança os quadris simetricamente e desperta desejos, do tom de voz que precisa ser “vigiado” e “controlado” a todo instante, do olhar que expressa uma feminilidade inquestionável e dos movimentos corporais que reivindicam olhares e toques.

É sabido que estas técnicas são apreendidas durante toda a experiência travesti, pois são técnicas incorporadas, reelaboradas e ressignificadas antes, durante e depois. Requer das travestis um aprendizado para lidar com essa nova “mulher fálica” que é construída paulatinamente por cada uma. Aqui, a noção de *performance* não nega a idéia de incorporação, pois os atos performáticos de gênero são apreendidos e reproduzidos através da imitação e dos muitos ensaios.

Percebe-se que o ritual da beleza nada mais é que um emaranhado de técnicas, arranjos e artifícios traspassados por muitas emoções e estratégias de sobrevivência desenvolvidas cotidianamente em busca da feminilidade e do corpo perfeito. Em linha gerais, o ritual da beleza pode ser pensado a partir da perspectiva daquilo que Tambiah (1985) vai chamar também de *performance*, ou seja, um processo de criatividade, sendo nesse processo que se dá a objetivação de códigos gerando autonomia de experiência.¹⁹

Considerações Finais

Entendo que a travestilidade é construída de possibilidades, escolhas e incertezas. Torna-se necessário mostrar que não é só o *glamour*, o luxo, os riscos previsíveis e os prazeres que dão forma e corpo a esta experiência, mas, sobretudo, podemos também pensar tal experiência através das *performances* como rituais: a partir das mutilações, da dissonância, dos riscos, das limitações da vida humana e das superações.

Construir um corpo e cuidar deste é uma das maiores preocupações das travestis. Vivem na busca contínua de aperfeiçoar seus mecanismos para conceder traços femininos ao corpo, o que signi-

fica para elas um investimento de tentar “passar por mulher”, especificamente por aquelas que despertam o olhar e o desejo masculino, embora nem sempre esse desejo é alcançado. Nos processos de afinar seus traços, bronzear seus corpos, adornar-se com vestimentas femininas, as estratégias adotadas variam de acordo com recursos e condições socioeconômicas de cada uma delas. Assim, as que dispõem de maiores recursos materiais recorrem a técnicas mais modernas e sofisticadas da medicina e do mercado estético, conseguindo com isso operar significativas transformações em seus traços genéticos sem sofrer grandes riscos. Por sua vez, aquelas de baixo poder aquisitivo se submetem às práticas clandestinas de transformação corporal, colocando em perigo suas vidas e, além disso, comprometendo seus sonhos de beleza e aspirações de feminilidade.

Procurei demonstrar ainda, que as travestis, mesmo cientes dos riscos inerentes a esses processos de transformação, não hesitam em procurar cirurgias plásticas ou bombadeiras. A vontade de reconfigurar seu gênero e de alcançar o corpo canônico se sobrepõe a eventuais medos ou relutâncias em relação a incisões corporais quase sempre irreversíveis. O mais importante para elas é a satisfação pessoal e o “reconhecimento” no interior do universo da travestilidade –seja entre outras travestis e principalmente entre clientes/ boyzinhos/ namorados–. Tornar-se a “mais bela” para alcançar tais objetivos é a razão de tanto investimento de emoção, tempo e dinheiro.

Vale destacar que a prostituição travesti vai além das necessidades materiais ou de uma alternativa que lhes sobra diante das impossibilidades de serem inseridas por outras vias no mercado de trabalho. As ruas e as esquinas se constituem em espaços que lhes proporcionam sociabilidade, identificação e a sensação de ser alvo de desejo.

A meu ver, tantas intervenções corporais e estéticas de pequenas e grandes implicações não teriam sentido para as travestis se não estivessem entrelaçadas a um conjunto de *performances* identificadas com o universo feminino. Maneiras de falar, de jogar o cabelo, de equilibrar-se sobre os saltos, de abrir seus leques com imponência, olhares insinuantes e reveladores de uma suposta “alma” feminina, vozes, gestos e movimentos funcionam como vitrine para a exposição dos resultados do que denomino neste trabalho de Saga da Beleza.

Sagas e rituais, a partir dos quais as travestis incidem em seus processos de transformações corporais, constituem atitudes transgressoras e subver-

¹⁹ Penso aqui, que a experiência só se faz experiência com a movimentação simbólica dos signos/símbolos para se produzir as creanças.

sivas, caracterizada por mudanças e rupturas. Camuflar o sexo quando necessário, ganhar seios e cintura, vestir trajes femininos e escolher novos nomes implica em mudar a imagem de si diante do espelho e alterar formas de legitimação de identidades pessoais no meio travesti e no exercício prostitutivo. Por outro lado, tal mudança revela uma in-

tensa busca por integração e reprodução de padrões instituídos. Tantas transformações, ao mesmo tempo em que as distancia da forma física máscula anterior, aproxima-as de um cânone de beleza feminina socialmente definida. Portanto, trata-se de um processo que não só diferencia, mas também iguala. Isso é *A Saga da Beleza*.

. Referências bibliográficas

- ABREU, Caio Fernando (1989) *Os dragões não conhecem o paraíso*. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras.
- BENEDETTI, Marcos (2005) *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond.
- BENTO, Berenice (2006) *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond.
- BOURDIEU, Pierre (1996) *A Economia das Trocas Lingüísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: EDUSP, pp. 9-128.
- _____ (1998) *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Butler, Judith (2003) *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.
- _____ (2001) "Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo", tradução de Tomaz Tadeu da Silva, em: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado*. Belo Horizonte: Autêntica Editora. p. 151-172.
- DOUGLAS, Mary (1976) *Pureza e Perigo*. São Paulo: Perspectiva.
- FONTES, M. (2004) *Corpos canônicos e corpos dissonantes: o corpo feminino deficiente em oposição aos padrões corporais idealizados vigentes nos meios de comunicação de massa*. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Comunicação. Salvador: UFBA.
- FOUCAULT, Michel (1999) *História das Sexualidades (vol.I)*. Rio de Janeiro: Graal Editora.
- GOFFMAN, Erving (1993) *Estigma: la identidad deteriorada*. 5. ed. Buenos Aires: Amorrortu Editores.
- GOLDMAN, Márcio (1995) "Antropologia contemporânea, sociedades complexas e outras questões" em: *Anuário Antropológico/93*, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- JAYME, Juliana (2001) *"Travestis, Transformistas, Transsexuais e Drag-queens: personagens e máscaras no cotidiano de Belo Horizonte e Lisboa"*. Tese de Doutorado – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. 270 pp.
- KULICK, Don (2008) *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz.
- LE BRETON, David (2003) *Adeus ao Corpo: Antropologia e Sociedade*. Campinas, SP: Papirus.
- _____ (2006) *A Sociologia do corpo*. Petrópolis: Vozes.
- LOURO, Guacira Lopes (1997) *Gênero, sexualidade e educação*. Petrópolis: Vozes.
- _____ (2004) *Um corpo estranho - ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica.
- MAUSS, Marcel (1974) *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU, Edusp.
- PELÚCIO, Larissa (2007) *Nos nervos, na carne, na pele: uma etnografia sobre prostituição travesti e o modelo preventivo de AIDS*. São Carlos: UFSCar.
- _____ (2005) "Toda quebrada na plástica: corporalidade e construção de gênero entre travestis paulistas". *Campos Revista de Antropologia Social*, Curitiba, v. 6, n. 1. pp. 97-112.
- _____ (2005b) *Na noite nem todos os gatos são pardos: notas sobre a prostituição travesti*. Campinas: Cad. Pagu n. 25.
- SILVA, Hélio (1993) *Travesti: a invenção do feminino*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/ISER.
- TAMBIAH, Stanley Jeyaraja (1985) "A Performative Approach to Ritual" em: *Culture, Thought and Social Action*. Harvard, Cambridge.
- _____ "Conflito etnonacionalista e violência coletiva no sul da Ásia" em: *RBCS*, nº 34, v.12, junho, 1997.
- TURNER, Victor (1974) *O Processo Ritual: estrutura e antiestrutura*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- VALE DE ALMEIDA, Miguel (2004) "O Corpo na Teoria Antropológica" em: *Revista de Comunicação e Linguagem*, 33. Pp. 49-66.
- VALE, A. F. C. (2005) "O Vão da Beleza: travestilidade e devir minoritário". Tese de Doutorado-PPG em Sociologia/Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: junho de 2005.
- VAN GENNEP, Arnold (1997) *Os ritos de Passagem*. Petrópolis: Rio de Janeiro.

Citado.

DE SOUSA NOGUEIRA, Francisco Jander y GOMES DE LEÓN, Adriano (2012) “‘Trabalhadas no feminino’: um estudo sobre corpo, desejo e prostituição travesti em Fortaleza-CE” en: *Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad - RELACES*. Nº8. Año 4. Abril-julio de 2012. Córdoba. ISSN: 1852.8759. pp. 55-67. Disponible en: <http://www.relaces.com.ar/index.php/relaces/article/view/171>.

Plazos.

Recibido: 13/12/2011. Aceptado: 02/02/2012.